

## OPERACIONALIZANDO A GRAMÁTICA REFLEXIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

JÚNIOR, José Leandro Gonçalves de Pontes.<sup>1</sup>  
UFPB

RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho.<sup>2</sup>  
UFPB

### RESUMO

O fundamento das críticas apontadas pelos alunos que consideram a disciplina de língua portuguesa difícil ou complexa é baseado na exigível normatização adotada no ensino de gramática nas escolas. O ensino de língua portuguesa tem se resumido, na maioria das vezes, na instrução de nomenclaturas e exercícios de classificação. E é de forma a propiciar o uso e a reflexão da língua, que o emprego da gramática reflexiva deve intervir nas aulas de língua portuguesa. A partir de uma concepção funcional e pragmática de linguagem, a gramática reflexiva é possibilitada, segundo Travaglia (2002), por meio de atividades que considerem a explicitação da estrutura da língua, bem como, a análise dos efeitos de sentido possibilitados pela escolha linguística dos elementos. A língua é considerada em seu uso, o que permite a observação dos aspectos semânticos e pragmáticos. O estudo proposto analisa questões de cunho normativo, denominadas questões metalinguísticas e as de cunho semântico e pragmático, questões epilinguísticas. Faz-se a comparação entre elas e as implicações no ensino de língua portuguesa. A análise das questões permitiu a conclusão de que, se o objetivo das aulas de língua portuguesa é viabilizar o máximo de qualidade no uso da linguagem, faz-se necessário, portanto, a aplicação de uma metodologia que extrapole os aspectos estruturais, que pense nos propósitos linguísticos do usuário.

**Palavras-chave:** Normatização. Ensino. Gramática reflexiva.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras-Português

<sup>2</sup> Profa. Dra. Orientadora

**ABSTRACT**

The substance of criticisms by students who consider difficult or complex Portuguese language course is based on the required normativization adopted in grammar teaching in schools. The Portuguese language teaching has been summarized, for the most part, the nomenclatures of instruction and grading exercises. And it is in order to promote the use and the language of reflection, that the use of reflective grammar should intervene in Portuguese language classes. From a functional and pragmatic conception of language, reflective grammar is made possible, according Travaglia (2002), through activities that consider the language structure of explanation, as well as the analysis of the effects of meaning enabled by the language choice of elements. Language is considered in use, allowing the observation of semantic and pragmatic aspects. The proposed study analyzes legal nature issues, called metalinguistic issues and semantic and pragmatic nature, epilinguísticas issues. It makes a comparison between them and the implications on Portuguese language teaching. The analysis of the issues allowed the conclusion that, if the goal of Portuguese language classes is to enable the maximum quality in language use, it is necessary, therefore, the application of a methodology that goes beyond the structural aspects, which think of linguistic purposes user.

**Keywords:** Normativization. Education. Reflective grammar.

**1 INTRODUÇÃO**

A prescrição e a reflexão no ensino de língua portuguesa são duas possibilidades metódicas que configuram posicionamentos docentes diferentes. A prescrição se define por uma prática normativa. A linguagem é considerada sob o aspecto virtual e abstrato, onde a metodologia classificatória garante posição de destaque. Na linha reflexiva, os aspectos pragmáticos e semânticos somam-se ao aspecto linguístico, conduzindo o ensino de língua a uma tarefa mais complexa, mas eficaz. O estudo sobre as práticas de análise linguística no ensino voltam-se, portanto, para uma abordagem da gramática reflexiva. E conceber um estudo sobre essas práticas é rebuscar as dificuldades apontadas pelos alunos numa forma de problematizar as abordagens de ensino e discutir seus resultados. É, por isso, imprescindível conhecer as concepções de linguagem que fundamentam a orientação

teórico-metodológica do docente e perceber a diferenciação entre as abordagens prescritiva e reflexiva no ensino de gramática. As implicações dessas abordagens formatam resultados que configuram a competência dos usuários da língua, aquela limitando, esta alargando o conhecimento sobre o fenômeno linguístico.

## 2 CONCEPÇÕES FORMALISTA E FUNCIONALISTA DE LINGUAGEM

Quando tratamos sobre o ensino de língua portuguesa deve surgir uma primeira reflexão a respeito do que concebemos como linguagem. Qual é o conceito, a função ou sentido da linguagem adotada neste ensino. Segundo Travaglia (2002, p. 21), “a concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação”. O que internalizamos, por isso, como linguagem concretizar-se-á nas ações de ensino. Para tanto, os estudos linguísticos consideram duas principais perspectivas de linguagem: formalista e funcionalista.

É notório o tratamento excepcionalmente estrutural que se tem dado no ensino de língua, a gramática tem resumido as aulas de língua portuguesa, colocando-se à margem outras questões relevantes no ensino de língua. A preocupação é tão grande que quando se fala em gramática, apenas é considerada a normativa, o que tem gerado um equívoco no ensino da norma padrão da língua. Atividades como memorização de nomenclaturas e classificação de termos têm norteado boa parte da prática docente e gerado em consequência disso, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, e uma constante visão hostil sobre a língua portuguesa nos alunos.

A essa prática linguística de se considerar apenas a estrutura da língua reside a concepção formalista de linguagem, a língua está encerrada em si mesma, sendo desconsiderados todos os objetos influenciadores no processo de produção e recepção. A metodologia tradicional de ensino que sempre assumiu essa perspectiva é resistente e há tempos que orienta o fazer docente, por isso consolidada em nossas escolas. As atribuições de certo e errado, os pseudos exercícios de análise linguística limitado à palavra, à oração e ao período, nunca a nível de texto, e quando utilizado, é

para a ênfase em questões de procura do sentido, da interpretação, da decodificação, o texto é usado, portanto, como pretexto. Podemos citar algumas abordagens linguísticas que assumem a concepção formalista de linguagem, como o Estruturalismo e o Gerativismo, ambas situam a língua num aspecto abstrato e virtual.

Os estudos linguísticos concebem, da mesma forma, uma outra concepção de linguagem, a funcionalista, esta discute a linguagem como produto e processo da interação humana. A linguagem é o resultado de influências intra e extralinguísticas no processo de produção e recepção. O estudo dessa concepção voltado para o ensino ainda é recente, mas já tendo produzido bastante material a nível nacional. Podemos citar as contribuições desse estudo nos campos da Sociolinguística, Linguística Cognitiva, Linguística Textual e Linguística Aplicada. A preocupação em conceber a linguagem sob o aspecto não só linguístico, mas também pragmático, tem produzido bastante conhecimento relevante para o ensino, como o estudo dos usos linguísticos, gírias, jargões, as marcas dialetais das regiões brasileiras, impressas na operação linguística, entre outras contribuições.

Em termos de ensino a concepção funcional de linguagem tem despertado uma formação discente que extrapole a análise da estrutura linguística, e encaminhe os alunos a uma visão mais ampla do fenômeno linguístico, transportando-o para o nível de análise textual. Os livros didáticos, vestibulares e exames nacionais têm trazido essa nova perspectiva de linguagem em suas questões e trabalhado, ainda que, de forma acanhada, os aspectos semânticos e pragmáticos. A tendência é a sistematização dessa abordagem no ensino, e a preocupação em conceber a linguagem na instância interacional e reflexiva sobre seu uso é discutida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 36), quando explicita a padronização de uma abordagem analítica no ensino de língua: “A organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em função do eixo USO □ REFLEXÃO □ USO pressupõe um tratamento cíclico, pois, de modo geral, os mesmos conteúdos aparecem ao longo de toda a escolaridade, variando apenas o grau de aprofundamento e sistematização”.

### 3 GRAMÁTICA PRESCRITIVA X GRAMÁTICA REFLEXIVA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A reflexão acerca de uma abordagem funcionalista, conseqüentemente, leva-nos a discutir a revisão do conceito de gramática que irá basear as aulas de língua portuguesa.

O ensino de língua tem se limitado a instrução gramatical, numa direção limitada, a escola caminha sem considerar os fatores extralinguísticos interferentes na produção da comunicação. As práticas de leitura e escrita são orientadas pela normatização, o que tem gerado o engessamento das práticas, restritas à superficialidade do texto.

Diversas áreas da Linguística têm contribuído para a discussão entre gramática e ensino. Com ênfase na Linguística Aplicada, a língua é ponderada no uso de seu código e não apenas no código, o que nos faz discutir sobre o uso e reflexão da língua.

A escola ao selecionar a gramática prescritiva como orientadora das aulas de português desconsidera a possibilidade de um trabalho reflexivo da língua. A gramática normativa é um conjunto de preceitos linguísticos, que visa o falar e escrever bem, trazendo-nos as noções de certo e errado. A língua é concebida como uma única variante, a padrão, considerando outras formas de uso da língua como agramatical, transgressão.

Os estudos normativos da linguagem é uma tradição que remete as primeiras investigações da área pelos gregos na Grécia Antiga. Esses primeiros estudiosos buscavam entender a relação entre a linguagem, o pensamento e a realidade, posteriormente a relação entre linguagem e lógica, discutida pelo filósofo Aristóteles. A gramática grega também se preocupava em estabelecer um uso padrão da língua, quando designou o dialeto ático como modelo. Em uma precisão ainda mais normativa, os romanos assimilaram os estudos gregos sobre a linguagem e incorporaram ao latim. A pretensão da normatização linguística pelos romanos era de assegurar a unificação linguística do império em expansão. A atividade prescritiva,

por sua vez, foi legitimada ao longo dos tempos. As primeiras gramáticas das línguas faladas, no século XVI, têm a língua latina como modelo gramatical, orientadora das demais. Nos séculos XVII e XVIII, com a *Gramática de Port Royal*, há um rebuscamento do estudo aristotélico de linguagem. A partir do século XIX surge os primeiros linguistas e a posterior produção de conhecimentos modernos sobre a linguagem, com diversas visões sobre o fenômeno linguístico.

A imposição do gramatical e o conseqüente valor restritivo estão fundamentados, logo, em aspectos socioculturais da classe dominante que propriamente em aspectos linguísticos. Ensinar, por isso, a gramática nas escolas é essencial, pois viabilizará a inserção dos indivíduos na sociedade. O problema se situa como o ensino gramatical tem sido trabalhado nas escolas. Até que ponto os alunos possuem a capacidade leitora de um texto, de desintegrar as partes do mesmo, de estabelecer a diferença comportamental das classes e funções da palavra, de refletir os diversos usos da língua, e as intenções pretendidas.

Sendo assim, a preocupação com uma metodologia mais reflexiva sobre a língua é abordada por Travaglia (2002), a gramática reflexiva. Ela está baseada em atividades que explicitem a estrutura linguística somada à reflexão do efeito de sentido instituído pela escolha linguística, o que significa pensar nos aspectos semântico e pragmático.

Essa metodologia reflexiva é ancorada na definição de análise linguística, presente especialmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que considera que já no ensino fundamental, refletir sobre linguagem é pensar em atividades de análise linguística. A análise linguística é articulada, por sua vez, em atividades metalinguísticas e epilinguísticas. As metalinguísticas estão voltadas a uma natureza estrutural, enquanto, as epilinguísticas, em exercícios de reflexão do uso da língua.

Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio também corrobora com a definição de atividades analíticas, criticando o ensino memorizador de nomenclaturas:

A perspectiva dos estudos gramaticais na escola, até hoje centra-se em grande parte, no entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal; descrição e norma se confundem na análise da frase, essa deslocada do uso, da função e do texto.

Tomemos como exemplo um acontecimento escolar. A professora ensinou que “azul, verde, branco, as cores em geral” eram adjetivos e solicitou que os alunos construíssem frases com as palavras. Um dos alunos escreveu: “O azul do céu é bonito. O branco significa paz etc”. Logicamente, um X foi colocado sobre as frases. O por quê, o aluno nunca soube.

(2000, p. 16)

O enfoque que se tem dado apenas ao estudo metalinguístico, enfatizado num isolamento dos tópicos gramaticais, proporciona ao aluno o entrave na construção de sentenças que transponha a classe de uma palavra, por exemplo, a uma função diferente de sua categoria gramatical. Os substantivos e adjetivos, por exemplo, se constituem classes de palavras diferentes, termo determinado e termo determinante, consecutivamente. Porém existe uma flutuação categorial entre eles, que permite, de acordo com o contexto, um usurpar a função do outro. Em, *um cantor espanhol*, cantor, naturalmente é substantivo e espanhol, adjetivo. Quando invertemos a ordem dos vocábulos, *um espanhol cantor*, funcionalmente, espanhol é substantivo e cantor, adjetivo.

O conhecimento, dessa maneira, acerca do uso da língua possibilita ao autor calcular o sentido desejado e com isso selecionar os recursos necessários para que haja a produção de sentido. Muito além dos aspectos linguísticos, a gramática reflexiva está pautada nas particularidades pragmáticas e semânticas que moldam e intencionam as estruturas linguísticas.

Travaglia (2007, p. 85), por sua vez, descreve a natureza das atividades no âmbito da gramática reflexiva.

Observe-se que as atividades de gramática reflexiva, por discutem o efeito de sentido, as escolhas de recurso da língua em função do efeito de sentido, do objetivo e da situação são, além de uma aula de

gramática, também uma aula de produção de texto e de compreensão de texto e, frequentemente, também de léxico. Este fato faz com que estas atividades sejam um fator de integração das diferentes áreas em que o ensino/aprendizagem de língua geralmente é dividido.

#### 4 IMPLICAÇÕES DE QUESTÕES METALINGUÍSTICAS E EPILINGUÍSTICAS NO ENSINO

Pronomes

Preencha as lacunas utilizando corretamente os pronomes demonstrativos:

- a - \_\_\_\_\_ é a pessoa da qual lhe falei.
- b - Não conseguiremos encontrar \_\_\_\_\_ estimados professores, pois eles já não trabalham mais aqui.
- c - Empreste-me \_\_\_\_\_ livro? Há muito tento encontrá-lo.
- d- Olha! Quem são \_\_\_\_\_ convidados que acabaram de chegar?
- e - \_\_\_\_\_ foi o aluno destaque deste ano, deseja entrevistá-lo?

Num tratamento tradicional, ou seja, metalinguístico, os pronomes são abordados de forma classificatória e dedutória, como acima. Aos alunos são apresentados os tipos de pronomes: pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, relativos e interrogativos, além de suas subclassificações. Em exercício de memorização, os alunos são treinados a decorar as nomenclaturas e a saber identificar os pronomes em uma frase ou texto. No entanto, nem sempre conseguem detectar a função dessa classe na construção textual, como por exemplo, em questão do tipo abaixo:

(1) Os senadores chegarão amanhã a Brasília, *onde eles* participarão de um seminário sobre a reforma política.

Que tipo de recurso foi utilizado na construção frasal a partir dos pronomes onde e eles?



Percebe-se, nesse caso, que na construção da significação textual, os pronomes exercem uma função bem específica. Um texto estabelece coesão através de seus conectores, assim como as conjunções, os pronomes são instrumentos coesivos, quando possibilitam a retomada de palavras, expressões ou parágrafos. *Onde* faz menção ao local onde os senadores estarão, Brasília. *Eles* se referem aos próprios senadores. Trata-se de um processo chamado de referência, em que se há a retomada de uma palavra ou expressão marcada pela ausência da repetição vocabular.

#### Adjetivos e Advérbios

“Os homens são os melhores fregueses” – os melhores encontra-se no grau:

- a) comparativo de superioridade.
- b) superlativo relativo de superioridade.
- c) superlativo absoluto sintético.
- d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

Qual das frases abaixo possui advérbio de modo?

- a) Realmente ela errou.
- b) Antigamente era mais pacato o mundo.
- c) Lá está teu primo.
- d) Ela fala bem.
- e) Estava bem cansado.

O modo como é abordado em sala o estudo dessas duas classes de palavras se dá de forma fragmentada e limitada através das classificações morfológicas e sintáticas. O estudo do adjetivo se dá a partir das classificações e flexões de gênero, número e variação em grau. Os advérbios, por meio, também de aspectos morfológicos. A relação de proximidade entre essas classes, no entanto, não é apresentada em sala, o que seria necessário para que os alunos comparassem os

aspectos envolvidos no contexto em uso e se desse, posteriormente, a interpretação, numa relação e abordagem semântica, como propõe a questão abaixo:

Explique, nos pares abaixo, a função dos termos sublinhados, verificando o que cada um deles qualifica:

- I - cantor imaturo e cantor infantil
- II – promotor honesto e médico bom
- III – escola ecológica e homem ecológico

A diferenciação entre a qualificação direta ao nome e a qualificação a função ou atividade exercida pelo nome faz o aluno refletir sobre a proximidade semântica entre adjetivo e advérbio, além de conhecer as probabilidades de ordenação do enunciado.

Conjunção “mas”

Classifique as orações coordenadas:

- a) Ana Luiza não apresentou o seminário, mas não foi punida.
- b) Comi muito, mas não matei a fome.

Numa abordagem só metalinguística, o estudo das conjunções parte das classificações de acordo com a organização dos períodos compostos, coordenados ou subordinados, assim sendo, conjunções coordenativas ou subordinativas. Por isso, é comum exercícios de classificação das conjunções marcados por uma falta de reflexão linguística. Nesse caso, o estudo da conjunção “mas”, como conjunção adversativa, que expressa no enunciado uma relação de oposição, muitas vezes é tratada em sua superficialidade nos enunciados.

Como você explica o uso do “mas” em (I) e (II).

- I) Cássia é bela, mas é casada.
- II) Ele não escreveu o artigo, mas estava doente.

Através da questão mencionada acima, de natureza epilinguística, o aluno perceberia que a relação de adversidade não está explícita. Por meio do acionamento da ideia implícita se daria a fixação da relação de sentido entre as orações. Na sentença I, a relação de adversidade aponta que Cássia é bela, mas não se interesse por ela, porque é casada. Da mesma forma na sentença II, a recuperação da ideia implícita faz menção a não punição do sujeito que não escreve o artigo, justificado por estar doente.

## 5 CONCLUSÃO

Enquanto objetivo principal de garantir a competência comunicativa, o ensino de língua materna deve fundamentar-se numa perspectiva reflexiva, que envolva os aspectos linguísticos, semânticos e pragmáticos, sem sobreposição de um ou outro.

O exercício na perspectiva da gramática reflexiva é caracterizado pela não sobreposição de proposições metalinguísticas perante as epilinguísticas e vice-versa. O conhecimento estrutural da língua é indispensável para que haja a produção de sentido nas questões de reflexão da língua. A soma entre esses dois estudos é que caracteriza uma abordagem reflexiva da língua.

Os documentos oficiais do Ministério da Educação que norteiam as práticas docentes enfatizam desde o ensino fundamental a importância de se refletir sobre a língua. Embora os documentos existam, a resistência em uma prática prescritiva reforça a força da tradição da normatividade no ensino e a segurança que os professores sentem, ainda, na perspectiva tradicional.

Nos últimos anos, no entanto, é possível perceber um avanço sobre os estudos da análise linguística nos materiais didáticos, concursos e vestibulares. É cada vez mais presente a gramática reflexiva nas provas e exames nacionais, a ampliação de análise da oração para o texto, questões que trabalham sobre os efeitos de sentido e funções das palavras.

A abrangência do ensino de gramática reflexiva proporciona ao professor a desmistificação dos fatos da língua, o extrapolar dos limites entre certo e errado e a desconstrução dos preconceitos linguísticos. Tornar o usuário capaz de utilizar a língua de forma inteligível é o principal ofício dessa orientação teórico-metodológica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 2000.

FRANCELINO, Pedro Farias (org.). **Linguística aplicada à língua portuguesa no ensino médio: reflexões teórico-metodológicas**. 2. ed. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus**. São Paulo: Cortez, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A gramática na escola / Língua Portuguesa: o ensino de gramática**. Salto para o Futuro - Boletim, v. 3, p. 73-97, 2007.

Disponível em: <http://educarx.blogspot.com.br/2013/10/atividades-sobre-pronomes-com-gabarito.html>

Acesso em: 16 nov. 2015.

Disponível em: <http://maiseducativo.com.br/exercicios-de-adjetivo-com-gabarito/>

Acesso em: 16 nov. 2015.

Disponível em: <https://prontopassei.com.br/adverbios-seu-guia-completo>

Acesso em: 16 nov. 2015.